

Œ U V R E S
PHILOSOPHIQUES

DE M^R. D * * *

LES BIJOUX INDISCRETS.

TOME CINQUIEME.



A AMSTERDAM,
Chez MARC-MICHEL REY.

M. DCC. LXXII.

A Obra

*Jóias Indiscretas*¹ (*Les Bijoux Indiscrets*) é um livro do início de Denis Diderot. Escrito anonimamente em 1748, foi inspirado em algumas obras libertinas da época, mais notadamente as de Crébillon Fills. De acordo com citações do próprio autor e outras de rodapé dos editores brasileiros, *O Sofá* serviu como referência importante para a elaboração das *Jóias*.

O *leitmotiv* do livro, o de que órgãos genitais femininos possam falar, já não era novidade. Provinha da Idade Média com *Le chevalier qui fist les cons parler*, uma fábula (*fabliau**) atribuída a Garin, e retomada em 1747 pelo padre Caylus sob o título *Nocrion, conte allobroge*. *Nocrion* aqui é um anagrama de *con noir*.²

O livro foi escrito em um gênero originalíssimo. Pode-se ter a impressão de que se trata de um romance dito licencioso, com o intuito único de chocar a moral e os costumes da época. Não que não seja, mas não se detém nisso. O aspecto libertino e leviano serve como pano de fundo para um sem número de alterações filosóficas, de críticas musicais e teatrais, etc. Todos misturados sarcasticamente com ingredientes da vida cotidiana.

A história é ambientada em Banza, capital do Congo, e é cheia de gênios, aristocratas, sultões, acadêmicos, brâmanes, libertinos e toda sorte de personagens esdrúxulos. Mas tudo isto é tão somente uma alegoria, um mau disfarce, característico das fábulas, e que trata, na verdade, de outras pessoas e de outros lugares.

Por exemplo, Mangogul, o protagonista do romance é, na verdade, Luis XV; Mirzoza, a célebre Mme. Pompadour; Kanoglu é Luis XIV; e Erguebed, o Príncipe Regente Felipe de Orleans; e assim por diante. Encontram-se também referências a Descartes, Newton, Montesquieu, Sócrates, etc.

Enfim, este é o estilo que Diderot acolhe em *Jóias Indiscretas* e que também vai imprimir, mais tarde, em algumas de suas obras mais importantes, como em *Jacques, o Fatalista* e *O Sobrinho de Rameau*.

Capítulo XVIII - Viajantes

Aqui Mangogul propõe à Mirzoza a leitura do diário de Ciclófilo, um dos viajantes que o Sultão *havia enviado aos rincões mais longínquos, a fim de coligir a sabedoria deles*. O relato é sobre os habitantes de uma ilha, não importa qual, que começa explicando a importância da observação de uma longa série de cornos notórios.

O que acontecia para que, afinal, suas esposas se *deixassem acariciar por outros*? Ao cabo de muita experiência acumulada chegou-se à conclusão de que é necessário, para que haja harmonia nos casamentos, uma perfeita conformidade de formas e de temperatura entre as jóias dispostas a se unir. Foram desenvolvidos, inclusive, termômetros especialmente desenhados, tanto para homens quanto para mulheres.

Um homem com uma jóia em forma de parafuso, por exemplo, deve casar-se com uma mulher com jóia em forma de rosca. Já a feminina quadrada encaixa-se com precisão admirável a uma masculina paralelepipedal. Desde que, não se pode esquecer, *a progressão dos líquidos*, no exame dos termômetros, seja conforme aos limites estabelecidos previamente pelo Sumo Pontífice.

Se as partes, ou os sacrificantes, forem declarados inaptos a se unirem, ao cabo do ritual religioso

¹DIDEROT, D. *Jóias Indiscretas* (1748). São Paulo: Global Editora.

²MAURSETH, A. B. *Les Bijoux Indiscrets un roman de divertissement* (2002). Disponível em: <http://rde.revues.org/index78.html>

* *fabliau* s.m. Na Idade Média, pequeno conto em verso, de caráter frequentemente irônico e galhofeiro. Tradução livre. Extraído de: *Dictionnaire Maxipoche 2009*. Paris: Éditions Larousse, 2008.

organizado para esta averiguação, ficam proibidos de tal prática, pela legislação civil e eclesiástica, sob pena de serem enquadrados nos castigos contra os incestuosos.

O Sumo Pontífice descreve ainda a Ciclófilo alguns casos especiais. Que destaco, e são seis:

- 1) se o termômetro sagrado for de uma dimensão que o impeça de ser aplicado a uma moça, ela se disporá ao sacramento. Nesse caso, o povo põe-se a orar.
- 2) se o termômetro não puder ser aplicado ao rapaz porque sua *jóia indolente não se presta a esta operação*, então todas as moças da ilha vão tentar ressuscitá-lo. *A moça que faz este exercício com zelo, diz-se que ela é pia, que ela edifica.*
- 3) se uma moça não faz o líquido subir, ela pode enclausurar-se.
- 4) se uma moça faz o líquido subir a uma altura e a uma velocidade que nenhum homem pode alcançar, é feita cortesã, *estado muito respeitado e muito honrado em nossa ilha.*
- 5) se um rapaz deixa o líquido do termômetro imóvel é condenado ao celibato.
- 6) se um rapaz, ao contrário, fizer o termômetro subir a um nível inalcançável, torna-se monge carmelita ou franciscano.

Em resumo, para os insulares, a religião se ocupa de regular com precisão quem casa e quem não casa, e quem casa com quem. E o critério é a conformidade entre os sexos, sua mais perfeita complementaridade.

No entanto, cabe assinalar que Ciclófilo deixou de lado alguns pontos importantes. Esqueceu, por exemplo, de perguntar sobre o destino dos casamentos ordenados nos cerimoniais religiosos. E também sobre o porquê da necessidade de cortesãs ou de monges, essas criaturas tão pias e edificantes, numa ilha em que a perfeita harmonia deveria ser a regra nos casamentos.

Capítulo XIX - Da Forma dos Insulares e das Roupas das Mulheres

A primeira parte faz uma alusão à característica dos insulares de que, ao nascer, cada um deles traz em si os sinais de sua vocação. Os que têm dedos alongados destinam-se à geometria, os que têm olhos em espiral destinam-se à astronomia, e assim sucessivamente.

Já a segunda remete à uma estranha máquina, o Cravo Ocular, capaz de transformar uma escala tônica em uma cromática, música em cores. Na Ilha, as mulheres utilizavam a engenhoca para escolherem roupas e seus adornos. Ou seja, os sons que se transformam em cores que se transformam em roupas.

Me detenho à primeira, na qual o viajante Ciclófilo comenta que, por causa das características físicas tão específicas e funcionais dos insulares, eles acabam tendo, quase todos, um aspecto de autômatos, como se estivessem sempre a executar as tarefas a que seus corpos são destinados.

Diderot parece fazer aqui uma referência à uma compatibilidade imaginária e intrínseca entre a natureza e a cultura dos homens. Como se aquela fosse ajustada às necessidades desta. Ou seja, na ilha, a natureza se ajusta às criações do homem.

Jaci Palma - 29.03.2010.